 https://doi.org/10.54260/eb.v41i152.1232

“Geração bíblica”: sonho ou realidade da Animação Bíblica da Pastoral?

“Biblical Generation”: dream or reality of the Biblical Animation of Pastoral Ministry?

Jackson Câmara Silva[1]

Submetido em 27/12/2025
Aceito em 20/02/2026

RESUMO

A Palavra de Deus tem ganhado destaque no ambiente católico desde o século passado. O povo católico, marcado por inúmeras devoções, está se voltando para as Escrituras formando pouco a pouco o povo da Bíblia. Este trabalho aborda uma investigação sobre a expressão “Geração Bíblica” cunhada pelo padre “Caetano” Minette de Tillesse e sobre sua relação com a Animação Bíblica da Pastoral no Brasil. Inicialmente, será apresentado o significado da expressão, destacando interpretações desse e de outros autores. Em seguida, será apresentado um panorama geral das iniciativas bíblicas na realidade brasileira que podem embasar os primórdios desta expressão. Por fim, serão abordados os desafios atuais e as estratégias da Animação Bíblica da Pastoral que façam o leitor refletir se a sonhada “geração bíblica” seria um sonho ou realidade em nosso país. Portanto, o tema nos instiga a refletir a condição vital da nova evangelização que se alicerça na centralidade da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.

Palavras-chave: Geração Bíblica, Animação Bíblica da Pastoral, Minette de Tillesse, Brasil, Palavra de Deus.

ABSTRACT

The Word of God has gained prominence within the Catholic environment since the last century. The Catholic faithful, traditionally marked by numerous devotions, are gradually turning to the Scriptures, slowly becoming the people of the Bible. This study investigates the expression “Bible Generation,” coined by Father Caetano Minette de Tillesse, and its relationship with the biblical animation of pastoral ministry in Brazil. Initially, the meaning of the expression will be presented, highlighting interpretations by this and other authors. Subsequently, a general overview of biblical initiatives in the Brazilian context will be provided, which may shed light on the origins of this expression. Finally, current challenges and strategies of the Biblical Animation of Pastoral Ministry will be discussed, encouraging the reader to reflect on whether the longed-for Bible Generation would be a dream or a reality in our country. Thus,

[1] Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: irjackson.nj@gmail.com.

the theme invites us to consider the vital condition of the new evangelization, which is grounded in the centrality of the Word of God in the life and mission of the Church.

Keywords: Bible Generation, Biblical Animation of Pastoral, Minette de Tillesse, Brazil, Word of God.

1 Introdução

As Sagradas Escrituras sempre tiveram um papel fundamental na fé cristã. Com a herança das Escrituras judaicas, que se tornaram posteriormente o Antigo Testamento para os cristãos, e o Novo Testamento, oriundo da pregação dos primeiros apóstolos, o cristianismo desde sua origem constituía uma geração que centrava sua vida e sua missão na Palavra de Deus.

Disso se fundamenta a expressão "geração bíblica" apresentada pela primeira vez pelo padre belga "Caetano" Minette de Tillesse, que será objeto de estudo deste trabalho. Inicialmente, será apresentado o significado e a origem dessa nomenclatura, destacando as interpretações desse e de outros autores que conviveram com ele.

Em um segundo momento, será apresentado um panorama histórico de toda a caminhada bíblica brasileira em três grandes períodos: (1) antes do séc. XX, abordando o uso da Bíblia na evangelização dos primeiros missionários jesuítas; (2) o "Movimento Bíblico" ao longo do séc XX, evidenciando a difusão da Bíblia com o surgimento das semanas bíblicas, o dia da Bíblia e outras atividades espalhadas pelo país, com o apoio de renomados biblistas; (3) a "Pastoral Bíblica" no período após o Concílio Vaticano II, com o surgimento do Mês da Bíblia em 1971, da popularização das diversas traduções da Bíblia e dos documentos e diretrizes importantes que culminaram na "Animação Bíblica da Pastoral", nomenclatura que aparece pela primeira vez no documento de Aparecida (DAp 148) em 2007.

Por fim, serão abordados os principais desafios e problemas atuais, além das estratégias da Animação Bíblica da Pastoral com base nos documentos 97 e 111 da CNBB. Com isso, será refletido até que ponto a "geração bíblica" sonhada pelo Pe. Tillesse e tantos outros biblistas seria uma realidade ou uma utopia em nosso país.

2 A "geração bíblica" segundo Minette de Tillesse

O povo de Israel sempre foi conhecido por seguir o Senhor por meio das Sagradas Escrituras. Rezando com ela sete vezes ao longo do dia (Sl 119,164), estudando e aprofundando, guardando-a no coração e ensinando às futuras gerações (Dt 6,6-9) ou proclamando-a solenemente (Ne 8,1-8), os israelitas vão se deixando guiar pela luz da Palavra de Deus.

Os cristãos herdaram as Escrituras judaicas e as chamaram posteriormente de Antigo Testamento. A fé no Cristo que pregou a Boa-Nova, cumprindo as promessas veterotestamentárias, fizeram o cristianismo primitivo fundamentar e alimentar sua caminhada espiritual nas Sagradas Escrituras, sobretudo com o surgimento dos escritos do Novo Testamento. Logo, desde o princípio, os seguidores de Jesus constituíam uma geração cuja vida e missão eram centradas na Bíblia.

Ao longo dos séculos, a Bíblia foi se distanciando do povo e se restringindo aos mosteiros e ao mundo clerical. Se de um lado havia monges copistas e clérigos estudiosos que conservavam as escrituras, de outro, no meio popular foram surgindo inúmeras devoções que de algum modo tentaram suprir e manter a fé cristã viva. A partir do segundo milênio foram surgindo traduções da Bíblia para as línguas vernáculas, mesmo

que a versão latina Vulgata ainda fosse o texto oficial da Igreja. O ápice das traduções e da difusão da Bíblia na Idade Moderna se deu com a Reforma Protestante e com o advento da prensa de Gutenberg, que ampliou o acesso das Escrituras a mais pessoas[2].

No final do séc. XIX e início do século XX, a Igreja Católica começa a se abrir amplamente aos estudos bíblicos em diálogo com as ciências humanas, sobretudo a Arqueologia e a História das Religiões, e com os métodos de estudos bíblicos que foram aparecendo nesse período. Com isso, vai surgindo a necessidade de criar grandes centros de estudos bíblicos, dentre eles a École Biblique de Jerusalém (1890) e o Pontifício Instituto Bíblico de Roma (1909). Também se criou a Pontifícia Comissão Bíblica (1902), composta de um grupo de peritos em Bíblia para ajudar a Igreja em sua interpretação.

As encíclicas *Providentissimus Deus* de Leão XIII (1893) e *Spiritus Paraclitus* de Bento XV (1920) impulsionaram o Movimento Bíblico na Igreja nas primeiras décadas do séc. XX. Anos depois, o Papa Pio XII lança a encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943), endereçada pela primeira vez aos "fiéis de Cristo do orbe católico". Elas vão apresentando orientações essenciais para legitimar e dar mais liberdade à pesquisa dos exegetas católicos. Anos depois, o Concílio Vaticano II, com a constituição dogmática *Dei Verbum* (1965) impulsionará não só clérigos e estudiosos da Bíblia, mas todo o povo de Deus a ler, estudar e rezar com a Palavra de Deus colocando-a no centro de sua vida e missão. Todas essas iniciativas buscaram resgatar as origens e a essência do cristianismo, sobretudo motivando os católicos a retornarem às suas raízes na centralidade das Escrituras Sagradas.

Dentre os estudiosos exegetas que colaboraram com esse objetivo, destaca-se Gäetan Minette de Tillesse (1925-2010)[3]. Amante da Palavra de Deus desde os primeiros anos de sua vida no mosteiro cisterciense de Orval na Bélgica, aprofunda seus estudos bíblicos na Pontifícia Universidade Gregoriana e Pontifício Instituto Bíblico de Roma entre os anos de 1952 e 1956, para depois ensinar Bíblia e Liturgia no mosteiro. No fervor do Concílio Vaticano II (1962-1965), o monge trapista se inquieta, desejando expandir o estudo bíblico para além dos muros de sua abadia.

Solicita ao mosteiro uma autorização para ensinar a Bíblia para os moradores próximos de Orval. Queria vivenciar no meio do povo mais pobre a experiência valiosa do estudo e da contemplação de sua comunidade monástica. Entretanto, não lhe foi autorizado sair do mosteiro para realizar essa atividade pastoral. Foi permitido apenas que o povo fosse ao mosteiro e recebesse lá a formação bíblica. As pessoas iam estudar juntas como "uma espécie de círculo bíblico" para compartilhar também sua experiência de vida com o texto sagrado. Apesar dessa pequena abertura, o monge belga fica frustrado, porque não eram os pobres que iam à abadia, mas as pessoas mais abastardas. Era preciso uma reforma monasterial, onde os monges não vivessem mais uma "clausura estrita, mas semiaberta", para que pudessem corresponder a urgência da evangelização (Furtado; Santos, 2023, p. 25-26).

Depois de um longo discernimento, resolve fazer uma experiência fora do mosteiro juntamente com seu coirmão Pe. Norberto Gorrissen. Em 1968, os dois chegam ao

---

2 Um manuscrito de Alcobaça (1320) já apresenta uma tradução do Antigo Testamento no português medieval. Entretanto, a primeira tradução impressa da Bíblia em português (Evangelhos e Epístolas) data de 1497 por Rodrigo Álvares. Enquanto a primeira tradução completa portuguesa no meio protestante surgiu com João Ferreira de Almeida (1628-1691), a primeira católica apareceu com o Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797) (Terra, 1987, p. 80-84).

3 Seu nome de religioso cisterciense era Frère Marie-Georges, em homenagem ao seu pai, que na época se encontrava enfermo e depois de oito meses de sua entrada ao mosteiro, veio a falecer (Lima, 2016, p. 46). No Brasil foi conhecido simplesmente por Pe. Caetano. Para uma biografia completa ver Lima (2016).

Brasil, inicialmente em Salvador e depois em Fortaleza-CE, onde se estabeleceram[4]. Na paróquia do Cristo Redentor, no bairro de mesmo nome, ambos fundados pelo monge belga, inicia-se um grande trabalho social, estrutural e missionário emanados da força da Palavra de Deus no meio dos pobres. A experiência com a Renovação Carismática Católica (RCC) que reunia grupos de oração impulsionou ainda mais o trabalho dos círculos bíblicos, difundindo o amor especial pela Bíblia. Inclusive, pessoas analfabetas começam a aprender a ler através do contato com as Sagradas Escrituras.

Com isso, nasce o desejo e a própria expressão "geração bíblica", cunhada por Pe. Caetano Minette de Tillesse. Oficialmente ela aparece na primeira constituição do Instituto Religioso Nova Jerusalém fundado por ele em 1981, cuja missão é "criar uma mentalidade e uma verdadeira 'geração bíblica em toda a América Latina, condição para a Evangelização do mundo" (Antiga Constituição [...], 2013, §286). Aqui não se tem uma definição sobre a expressão, mesmo que se fale dela como algo essencial para Igreja.

Na constituição de 2002, quando se apresenta a prioridade da ação pastoral da Nova Jerusalém, atuando na "formação bíblica de padres, religiosos e religiosas e agentes de pastoral em todos os níveis", Pe. Tillesse apresenta o conceito, mesmo não tão definido, de "geração bíblica" na Igreja quando fala de "suscitar em todo o lugar o amor e o interesse pela Palavra de Deus, como único remédio atual e eterno para o mundo inteiro" (Constituição [...], 2002, §80)[5]. O "amor e o interesse pela Palavra de Deus" a coloca como centro da vida de todo cristão, sobretudo quando afirma que ela é condição vital para a cura da humanidade tão ferida.

Mas somente numa entrevista, quando é perguntado sobre a fundação da Comunidade Nova Jerusalém, é que o padre belga torna um pouco mais claro a definição da "geração bíblica". Mais uma vez ele fala do papel da congregação de continuar o desejo que Deus o inspirou: de "suscitar aqui no Brasil uma geração bíblica, um povo que leia, conheça, viva a Bíblia" (Entrevista [...], 2007). Dessa forma, essa geração deve ler continuamente a Bíblia. Para conhecê-la deve aprofundar seu estudo a fim de que no dia a dia testemunhe o que leu, meditou e estudou.

Apesar da expressão "geração bíblica" só aparecer explicitamente nas constituições do Instituto Religioso Nova Jerusalém, cuja missão é suscitá-la no Brasil e no exterior, Minette de Tillesse implicitamente fala dela na Revista Bíblica Brasileira (RBB), fundada por ele em 1984[6]. Essa revista tem o objetivo de ampliar a leitura e o conhecimento bíblico em todo o Brasil, na tentativa de impulsionar a concretização deste sonho. No editorial de seu primeiro número, apresenta os meios e os objetivos dessa geração. Ele deseja que cada lar cristão tenha o "dever prioritário possuir sua Bíblia, meditar e orar a Bíblia em família". Sonha que "os movimentos leigos coloquem a Bíblia no centro da sua vivência de fé". E através disso, a própria Palavra de Deus suscite "centenas e milhares de vocações autênticas, profundas e comprometidas". Com a "geração bíblica", pretende-se erradicar o "analfabetismo" ou o "mobralismo" [7] bíblico para se conhecer

4 Norberto Gorrissen retorna definitivamente à Bélgica em julho de 1969 (Tillesse, 1984a, p. 65).

5 A atual constituição conservou esse trecho quando fala da colaboração do Instituto Religioso Nova Jerusalém "nos diversos setores das pastorais nas paróquias onde estão inseridos" (Constituição [...], 2015, § 81).

6 A Revista Bíblica Brasileira (RBB) praticamente foi assumida pelo Pe. Caetano no período de 1984 a 2005. Entre 2003 a 2013, os membros do Instituto Religioso Nova Jerusalém assumiram a publicação da revista apenas como suplemento, procurando trabalhar o tema do Mês da Bíblia de cada ano.

7 O termo "mobralismo" provém do acrônico "MOBRAL" (Movimento Brasileiro de Alfabetização) criado em 1967 para minimizar as taxas de analfabetismo no país. Por ser o nível mais elementar da educação brasileira da época, Pe. Caetano o utiliza para falar do nível mais básico do conhecimento bíblico.

melhor a própria fé cristã, cujo fundamento encontra-se na Palavra de Deus (Tillesse, 1984b, p. 6).

Outros autores que conviveram com Pe, Tillesse também procuraram aprofundar ou especificar melhor o que seria a "geração bíblica". De acordo com Furtado e Santos (2023, p. 28), a expressão pode ser definida como:

> uma espiritualidade oferecida por meio de conhecimento da Palavra de Deus, capaz de gerar compromisso de levá-la para a vida. De encontrar caminhos e respostas para questões pessoais, comunitárias e sociais, pois sua riqueza, assim, possibilita. [...] seria uma espiritualidade que alia fé, profundamente bíblica, e vida, [...] vida pessoal, comunitária, social. [...] seria uma geração madura na fé, no conhecimento bíblico e no testemunho de vida cristã. Uma fé que desinstala da indiferença e do conforto diante do sofrimento, injustiça, da necessidade do próximo.

Uma das integrantes do Instituto Nova Jerusalém, Ir. Rita Albuquerque ao falar da vida e missão do Pe. Tillesse à luz do Vaticano II, destaca seu legado e retoma a definição da "geração bíblica" como sendo "uma geração de cristãos que fizesse da Bíblia o centro de sua vida e de sua missão como Igreja povo de Deus". A autora apresenta a importância que o biblista dava à acessibilidade da Escritura a todos. A Bíblia passando de "mão em mão" vai fomentando o sonho de formar essa geração (Albuquerque, 2025, p. 64).

Outra consagrada do mesmo Instituto, que conviveu mais de duas décadas com Pe. Caetano, Ir. Aíla Andrade, apresenta a importância do estudo aprofundado das Escrituras no ambiente científico, litúrgico e pastoral, baseada nas lições ministradas pelo seu fundador aos membros do Instituto Nova Jerusalém. A Bíblia nada mais é que uma bússola que nos orienta a atravessar a tempestade em alto mar do mundo hodierno. Por isso, faz-se necessário não somente "uma pessoa ou um grupo, mas uma rede mundial de pessoas que enfrentam as dificuldades dos textos bíblicos e compartilham suas descobertas". A autora interpreta que o padre belga chama "essa rede de pessoas sem barreiras religiosas, ideológicas, políticas, econômicas, sociais, de idade etc. de "geração bíblica" (Andrade, 2025, p. 185-186). Se Deus não faz distinção de pessoas, tampouco sua Palavra, destinada a todos que a procuram.

Portanto, mesmo que a expressão "geração bíblica" tivesse surgido com o Pe. Tillesse há pouco mais de quarenta anos, ela aponta para uma realidade bem anterior, que toca a essencialidade da fé cristã desde suas origens. A expressão que sempre está relacionada com a missão do Instituto Religioso Nova Jerusalém, está voltada também para a realidade brasileira. Desse modo, até que ponto o Brasil pode ser considerado um país formado por uma "geração bíblica"? Vamos apresentar a seguir um panorama da caminhada bíblica do Brasil e averiguar que a vocação, de ser essa geração, provém de longas datas.

3 A caminhada da "geração bíblica" do Brasil

Depois de apresentarmos o conceito de "geração bíblica", vamos analisar ao longo da história do Brasil as inúmeras iniciativas bíblicas que constatam que o país desde cedo tem a vocação de ser o povo da Bíblia.

Serão apresentados três grandes momentos dessa caminhada que constatam a relação do povo de Deus e as Sagradas Escrituras. No primeiro, destaca-se a evangelização no Período Colonial com os jesuítas com os mais variados e criativos meios, onde a Bíblia atingiu não só a elite clerical, mas também o meio popular. No segundo, é apresentado o Movimento Bíblico inaugurado no início do séc. XX, marcado pelo desejo de difundir ainda mais a Palavra de Deus que perdurou até anos depois do

Concílio Vaticano II. No terceiro, será destacado a pastoral bíblica pós-conciliar no Brasil que culminou na Animação Bíblica da Pastoral já no terceiro milênio.

3.1 Os primórdios da "geração bíblica" no Brasil antes do séc. XX

Por mais que o primeiro congresso católico brasileiro ocorrido em 1900 tenha marcado o início do Movimento Bíblico brasileiro, convém resgatar um pouco da história da presença bíblica na ação missionária do Brasil antes desse período, que fizeram dele um país bíblico desde muito tempo.

Os primeiros missionários jesuítas que vieram à "Terra de Santa Cruz" demonstraram seu amplo conhecimento bíblico, em vista da prioridade de sua formação às línguas bíblicas e à Sagrada Escritura. Os mais destacados Pe. Antônio Vieira e São José de Anchieta interpretavam e aprofundavam os textos sagrados em suas cartas, poesias, sermões e peças teatrais. Enquanto o primeiro reuniu mais de 11.000 citações bíblicas em seus sermões, o segundo publicou a primeira grande obra exegética no Brasil sobre a vida da Virgem Maria com 5.785 versos. Na própria evangelização dos indígenas, o padre jesuíta Anchieta, canonizado pela Igreja em 2014, levava sua Bíblia com ilustrações para "revelar os mistérios da Revelação cristã" (Terra, 1987a, p. 120-122).

São José de Anchieta também se utilizava de outros recursos audiovisuais para a evangelização dos indígenas. Além da Bíblia ilustrada, era frequente o uso de músicas, de danças, da pintura e de peças teatrais para representar os episódios bíblicos, tornando as Sagradas Escrituras ainda mais conhecidas. No próprio Natal havia presépios ou lapinhas, representando o mistério da Encarnação do Filho de Deus, e que em torno deles e das procissões, entoavam-se cantos singelos, seja em tupi ou em português (Terra, 1987c, p. 126).

As missões e aldeias acolhiam com alegria o uso do teatro na catequese. Os primeiros missionários do Brasil fizeram "uma 'releitura' dramática da Sagrada Escritura". Destacam-se algumas representações teatrais como: *Auto de Santiago* (1564), contando a vida do apóstolo; *Diálogo da Ave-Maria* (1584), destacando cada palavra desta oração; *Drama de Assuero* (1589), trazendo a história da Rainha Ester; *História do Rico Avarento e Lázaro Pobre* (1575), que causou tanta devoção, ao ponto de um homem comovido, doar a cada ano mil cruzados com receio de ter o mesmo destino do rico avarento (Terra, 1987c, p. 131).

A Bíblia que inspirou a pintura e a escultura desde as origens do cristianismo, também chega a muitas igrejas das várias cidades do Brasil no período colonial e imperial. Os missionários se utilizavam da "Bíblia dos Pobres", uma imensa coleção de imagens bíblicas recopiadas várias vezes, depois reproduzidas por xilografia. Essa Bíblia servia de instrução para várias gerações, inspirando tema aos pregadores, vitrais e pintura. Também se destacam, azulejos e afrescos de igrejas e colégios, sobretudo jesuítas, que deram vida às inúmeras histórias bíblicas interrelacionando Antigo e Novo Testamento. Inúmeras estátuas de santos, dos profetas ou do próprio Cristo eram esculpidas no Brasil, ou mesmo trazidas de Portugal (Terra, 1987b, p. 136-138).

Outro grande feito de São José de Anchieta foi a fundação de colégios e de faculdades no país. Além de ter fundado o Colégio de São Paulo em 1554, fundou na Bahia "as Faculdades de Dialética e Artes (Filosofia e Ciências) e a Faculdade de Teologia", onde se estudava as disciplinas de Sagrada Escritura, hebraico, patrística e de teologia. Outros colégios fundados no Rio de Janeiro e em Pernambuco seguiam esses

mesmos estudos baseados no programa das Universidades de Coimbra e Évora, e posteriormente, na *Ratio Studiorum*[8] (Terra, 1987a, p. 113-114).

Também foram publicadas obras de uso litúrgico e de espiritualidade no Brasil Colônia. Lecionários bíblicos dos missais dominicais e festivos e lições bíblicas dos breviários, como o comentário do Pe. Antônio Maria Bonucci (1651-1729) ajudaram muito os fiéis na liturgia. Já os livros de leitura espiritual ou meditações, mesmo escritos em Portugal, foram amplamente divulgados no Brasil. Em sua maioria, contemplavam os mistérios de Cristo baseado nos comentários aos evangelhos. Desse modo, percebe-se que a "piedade devocional popular era alimentada profundamente pela Sagrada Escritura" (Terra, 1987a, p. 124).

Além da centralidade da Palavra de Deus na piedade popular, no Brasil Colônia também já havia integração entre Bíblia e catecismo. O Padre jesuíta Azpilcueta Navarro (†1577) inclusive escreveu "o primeiro catecismo na língua tupi: *Suma da Doutrina Cristã na Língua Tupi"* em 1549. Também traduziu: a criação do Mundo (Gênesis) e a Encarnação (Evangelho) e outros conteúdos de fé, os mandamentos da Lei e orações como o Pai-Nosso. Os indígenas não só aprendiam a doutrina cristã, como também repetiam passagens do Antigo e do Novo Testamento cantando em lugar de suas canções pagãs (Terra, 1987a, p. 125).

A evangelização dos primeiros missionários no Brasil se utilizou da criatividade em torno da Bíblia para que a Boa-Nova chegasse aos colonos. Percebeu-se que a religiosidade popular, a doutrina cristã e as Sagradas Escrituras jamais concorriam entre si, mas se complementavam. Mesmo que o acesso à Bíblia ainda fosse bastante restrito, o povo ainda tinha oportunidade de mergulhar na Palavra de Deus por outros meios. Na Terra de Santa Cruz, a semente de uma "geração bíblica" já havia sido lançada e já se iniciava sua germinação a fim de que no futuro o Brasil despontasse no protagonismo da Palavra de Deus.

3.2 O Movimento bíblico do Brasil ao longo do séc. XX

A passagem do séc. XIX ao séc. XX foi marcada por grandes transformações pastorais, eclesiais, sociais e políticas. A Igreja experimentava uma profunda renovação sobretudo no meio litúrgico, nos estudos patrísticos e no movimento bíblico.

O Brasil que se utilizava da tradução portuguesa do Padre Antônio Pereira de Figueiredo de 1790, ganha a primeira edição brasileira da Bíblia em 1864. Só em 1900 com a realização do 1º Congresso bíblico brasileiro que se inicia oficialmente o Movimento Bíblico no Brasil (Terra, 1987e, p. 84-86). Entretanto, a presença da Bíblia de forma mais significativa só começou por volta dos anos 40, com o incentivo da Encíclica *Divino Afflante Spiritu* do Papa Pio XII.

Assim, o padre salesiano Antônio Charbel, convocando um grupo de exegetas e professores brasileiros de Sagrada Escritura, ex-alunos do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, resolve idealizar um encontro para estudá-la e divulgá-la. Com o apoio da PUC-SP, na pessoa de D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, cardeal-arcebispo de São Paulo, acontecia a Semana Bíblica Nacional de 03 a 08 de fevereiro de 1947, no Mosteiro de São Bento (SP). Cerca de quarenta biblistas de vários lugares do Brasil estiveram presentes. Foram recebidas felicitações da Pontifícia Comissão Bíblica e do reitor do

8 A *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* foi o plano oficial de estudos da Companhia de Jesus, promulgado em 1599, que visou sistematizar o ensino dos jesuítas para todos os seus colégios no mundo. Como método pedagógico dividia a formação escolar em três níveis: (I) Curso de letras ou línguas, com seis anos de duração; (II) Curso de filosofia, com três anos de duração (quatro em Coimbra e Évora); (III) Curso de Teologia, com duração de quatro anos, priorizando exegese e comentários sistemáticos das Escrituras além das línguas bíblicas (Terra, 1987a, p. 113).

Instituto Bíblico de Roma, além do próprio Papa enviar sua "bênção apostólica com os votos de fecundos trabalhos" (Salvador, 1987, p. 44-45).

No encerramento dos trabalhos, firmaram-se objetivos práticos da Bíblia no Brasil, dentre eles: (I) A Instituição do *Domingo da Bíblia*, celebrado no último domingo do mês de setembro, próximo à festa de São Jerônimo, ícone das Sagradas Escrituras, com a finalidade de divulgar a Palavra de Deus, além de instruir e animar os fiéis acerca de sua importância; (II) A fundação, já na Semana Bíblica, da *Liga dos Estudos Bíblicos* – LEB, referência de associação bíblica internacional; (III) Incentivo à publicação da literatura bíblica nacional, destacando-se a Revista de Cultura Bíblica (RCB), criada em 1956; IV) Realizar a primeira tradução brasileira completa da Bíblia diretamente dos textos originais, conseguida em 1964 pela LEB em parceria com a Editora ABRIL (Salvador, 1987, p. 46).

Depois deste grande evento, resolveu-se realizar no intervalo de dois a três anos as Semanas Bíblicas Nacionais que continuavam reunindo professores e especialistas de Bíblia do país. Além de São Paulo, sediaram o evento o Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Petrópolis, Campinas, Aparecida e Recife. Também ao final da primeira Semana Bíblica, Cônego Agnelo Rossi (1913-1995), que posteriormente se tornou o primeiro presidente da CNBB, lançou a proposta de realizar "semanas bíblicas de caráter popular" para o povo aprofundar seus conhecimentos bíblicos e fortalecer sua fé. Em setembro de 1947, era realizada a primeira dessas semanas, no primeiro Domingo da Bíblia na diocese de Natal, sob o impulso de D. Eugênio Sales (1920-2012) e do padre salesiano José Pereira Neto. A partir de então, elas se multiplicaram em várias paróquias e dioceses do país (Salvador, 1987, p. 47-48).

Com a visita do fundador da família paulina Tiago Alberione (1884-1971) ao Brasil em 1946, as irmãs paulinas foram impulsionadas a realizar as primeiras "semanas do Evangelho", que, inspiradas nos moldes italianos, consistiam em: pregação por algum sacerdote, paulino caso houvesse; visita às famílias, difundindo os textos sagrados; exposição e benção do Evangelho pelo pároco ou pelo bispo seguida da entrega do Evangelho com a promessa feita em público na comunidade de lê-lo em família. Na primeira semana ocorrida entre 10 a 17 de maio de 1947 em Araçatuba-SP, foram "abençoados 3.600 Evangelhos e 45 Bíblias" (Batista; Silvano, 2021a, p. 44-47).

O projeto se difundiu para outras cidades do Brasil. Com a difusão da "Bíblia Sagrada" do Pe. Matos Soares publicada desde 1943 pelas Edições Paulinas[9] as "Semanas do Evangelho" foram se configurando em "Semanas Bíblicas" que marcaram os anos de 1950 a 1960. Em geral, as irmãs visitavam as casas daquela cidade, oferecendo a possibilidade de adquirir a Bíblia. Havia debates e conferências bíblicas a partir das 15h via rádio. Ao final do dia, na missa das 19h eram distribuídas as Bíblias para logo após, às 20h, apresentarem projeção de *slides* sobre a Terra Santa. A semana bíblica se encerrava com grande procissão com os fiéis levando sua Bíblia, Novo Testamento ou Evangelho (Batista; Silvano, 2021a, p. 52-53).

O Brasil também contou com a colaboração de renomados biblistas que impulsionaram a difusão da Palavra de Deus. O frade franciscano João José Pedreira de Castro (1896-1962) é considerado o pioneiro do Movimento Bíblico do Brasil. Fundou em São Paulo o Centro Bíblico em 1956. Também trabalhou na década de 1950 na tradução da "Bíblia Ave-Maria", a primeira versão completa do Brasil.

Outro expoente foi Pe. João Balduino Kipper. Ele ministrou aulas de exegese e cursos bíblicos populares no Rio Grande do Sul por mais de 40 anos. D. Estêvão Bettencourt, biblista cujos escritos foram bastante importantes na formação bíblica de

[9] Foram publicadas mais de 14 edições com mais de 1.869.00 exemplares espalhados pelo Brasil até 1987 (Batista; Silvano, 2021a, p. 50).

muitos brasileiros, sobretudo com seu "Curso Bíblico por correspondência" atingiu estudantes inclusive fora do país como na África e na Europa. Pe. Joaquim Salvador realizou Semanas Bíblicas Ecumênicas anuais com participação de Católicos, Protestantes, Judeus e Mulçumanos próximos ao período do Concílio. Pe. José Danti, SJ fundou o Instituto superior de Cultura religiosa *Mater Boni Consili*, cuja formação bíblica foi a "alma" deste instituto.

O jesuíta D. João Evangelista Martins Terra além de sua enorme contribuição na difusão e estudo da Bíblia, inclusive sendo um dos protagonistas da Revista de Cultura Bíblica (RCB), também criou o primeiro curso de ensino superior para leigos com o Instituto Bíblico São Luís. (Terra, 1987d, p. 6-8). Enquanto o Pe. Frederico Dattler, além de realizar uma semana bíblica em Campanha-MG, em 1957, ministrou diversos cursos e palestras em diversos lugares do país. Inclusive durante dois anos (1963-1964) deixou de lecionar para se dedicar integralmente ao apostolado bíblico. Publicou inúmeros livros, dentre eles, sob o incentivo conciliar, os *Comentários dos Lecionários Dominicais e Festivos* (Dattler, 1987, p. 12-15).

Portanto, o Movimento Bíblico do Brasil com sua pluralidade de colaboradores muito contribuiu com a difusão e com a aproximação dos fiéis católicos às Sagradas Escrituras. A Bíblia se tornou mais conhecida e deixou de ser vista como um patrimônio exclusivo dos evangélicos. O Brasil já poderia levar sua contribuição ao Concílio Vaticano II e ao mesmo, estaria preparado para recebê-lo e iniciar uma nova fase da formação de sua "geração bíblica".

3.3 Do movimento à Pastoral Bíblica pós-conciliar no Brasil

Se antes do Concílio já se havia testemunhado uma grande "efervescência bíblica" no Brasil, agora, com a recepção da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, há enorme impulso para a continuidade e ampliação dos trabalhos com a Palavra de Deus.

A *Dei Verbum* (n. 21) não fala somente da importância da Sagrada Escritura na vida da Igreja, como também recomenda vivamente a difusão das várias versões da Bíblia em língua vernácula, para que todos os fiéis façam uma leitura assídua e a tenham como centro de sua vida e missão. "O estudo das Sagradas Páginas" deve ser a "alma da Sagrada Teologia".

Daí, nasce o conceito de Pastoral Bíblica, entendida como serviço realizado pela Igreja, no estilo de outras pastorais paroquiais, como mais uma dentre as demais pastorais. Dela, participam todos aqueles que se encarregam da Bíblia, com intuito de conhecerem e aprofundarem os textos sagrados através de: cursos, retiros, palestras, grupos, círculos bíblicos (Retamares, 2001, p. 11-12).

A Pastoral Bíblica no Brasil após o Concílio Vaticano II se deu em três momentos[10]. O primeiro, Movimento Bíblico, decorrente ainda do início do séc. XX, estendeu-se até 1985. Aqui foi crucial o surgimento de novas traduções e da distribuição da Bíblia e dos Evangelhos, assim como cursos e os Círculos Bíblicos, que contribuíram para a formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A Bíblia era lida, partilhada e vivida em comunidade. Não se procurava apenas aprofundar o texto, mas reler sua própria história de vida identificando-se com (e como) o povo de Deus. Com seu método de leitura popular das Escrituras Sagradas no texto, no pré-texto e no contexto, o frei carmelita Carlos Mesters criou e impulsionou os círculos bíblicos nos anos de 1970, referência ainda hoje para América Latina. Dos círculos bíblicos brota no povo a sede de

[10] Batista e Silvano (2021b, p. 65-66) se utilizam da análise de Naranjo Salazar para adaptar a delimitação dessas etapas na história da Pastoral Bíblica no Brasil.

aprofundar seus conhecimentos bíblicos e assim, em 1979, é criado por ele o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI).

Também nesse primeiro momento, o dia da Bíblia criado em 1947 logo se ampliou para o Mês da Bíblia com o apoio das irmãs paulinas, sob o pioneirismo da Arquidiocese de BH, que o lançou em 1971 na ocasião do seu cinquentenário. A proposta logo se expandiu para o regional Leste II da CNBB e para as demais regiões do Brasil, ao ponto de em 1985, a CNBB estendê-lo em âmbito nacional. Posteriormente o Mês da Bíblia também se expandiu para o continente latino-americano e caribenho e africano.

O segundo momento recebe de fato o nome de "Pastoral Bíblica" (1985-1993). A recepção do Concílio Vaticano II, sobretudo nas reuniões das Conferências Episcopais Latino-americanas motivaram a implantação da Pastoral Bíblica. É o período de sistematização e ampla formação bíblica, quando diversas entidades bíblicas do país florescem e as demais ganham um novo impulso no trabalho evangelizador com a Palavra de Deus. Mesmo que o período fosse delimitado até 1993, a Pastoral Bíblica no Brasil oficialmente passou a ser uma prática de toda a Igreja até o ano de 2007, quando surgiu oficialmente o conceito de Animação Bíblica da Pastoral (ABP) no Documento de Aparecida. Em muitos países da América Latina, mesmo com o conceito de ABP, ainda se usa a terminologia "Pastoral Bíblica".

O terceiro momento é marcado pela Animação Bíblica da Pastoral. Mesmo que o conceito já ventilasse em 1993, ele aparece e é definido na V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho ocorrido em Aparecida entre 13 e 31 de maio de 2007. O documento da Aparecida (DAp) insiste na importância do encontro com Jesus Cristo na caminhada de fé e na formação dos discípulos e missionários. A Sagrada Escritura é um dos lugares privilegiados desse encontro e por isso entende-se a "pastoral bíblica" como Animação Bíblica da Pastoral, baseada em três eixos complementares: (I) escola de interpretação ou conhecimento da Palavra; (II) escola de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra; (III) escola de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra (DAp 248).

O documento também fala da Animação Bíblica da Pastoral como causa do "aumento do conhecimento pela Palavra de Deus e do amor por ela", sobretudo na formação de catequistas e renovação da Catequese em todo o continente (DAp 99). Isso deixa subtender que a ABP já estava em prática antes mesmo de oficialmente aparecer no documento.

A nomenclatura também ganhou um alcance universal na Exortação Apostólica *Verbum Domini* de 2010 (*VD* 73). Na tentativa de trazer ressonâncias desse documento pontifício, a 50ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil em 2012 aprova o documento "Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja". O documento procurou aprofundar o conceito de ABP, entendendo o termo "animação" em "sua concepção originária de 'ação ou efeito de dar alma ou vida'". Disso, resulta que Animação Bíblica não seja justaposição com outras formas de pastorais, mas toda pastoral buscando de forma "consciente e contínua" ter a Sagrada Escritura como alma da missão evangelizadora da Igreja e alma de toda teologia (CNBB, 2012, n. 34). O documento também traça estratégias para sua aplicabilidade no país em torno dos três eixos que já aparecem no documento de Aparecida, que resumidamente podem ser concebidos como: o eixo da formação, o eixo da oração e o eixo do anúncio (CNBB, 2012, n. 36)[11].

[11] Pe. Tillesse semelhantemente já apresentava esses três eixos como dimensões inseparáveis do carisma do Instituto Nova Jerusalém fundado por ele em 1981, cuja base se dá pelo "tripé" da contemplação, do estudo e da missão com a Palavra de Deus (Constituição, 2015, § 4). Retamares (2001, p. 25-37) também desenvolve esses três eixos da ABP.

Depois dessa longa caminhada, percebemos que o Brasil já havia dado passos significativos para a formação de sua "geração bíblica". As inúmeras iniciativas, as diversas instituições bíblicas e a própria CNBB muito contribuíram para que esse sonho pudesse se tornar, aos poucos, realidade. Entretanto, ainda perduram muitos desafios que muitas vezes nos fazem pensar que a centralidade da Palavra de Deus na vida e missão da Igreja ainda seja uma utopia. Quais esses desafios e como podemos vencê-los? Quem são os agentes transformadores para que isso não passe de um sonho? Em que medida a "geração bíblica" é apenas sonho ou realidade? Aprofundemos essas questões no último ponto de nosso estudo.

4 Os desafios atuais da Animação Bíblica da Pastoral no Brasil: entre sonho e realidade de uma "geração bíblica"

O Brasil junto à América Latina desponta no mundo com grande renovação e diversidade de métodos teológicos e de novas abordagens bíblicas. Além do expoente dos círculos bíblicos, da catequese e da leitura popular da Bíblia, crescem o número de escolas bíblicas, de cursos de pós-graduação e de traduções das Sagradas Escrituras, sobretudo após o Concílio Vaticano II.

Entretanto, o Brasil ainda é marcado pelo "desconhecimento da Palavra de Deus". Ainda há falta do hábito da leitura assídua, bem como a grande dificuldade de compreender a Bíblia. O documento 111 da CNBB que traz a "Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias", apresenta os desafios e elenca algumas iniciativas para reduzir ou erradicar o desconhecimento da Bíblia e torná-la central na vida e missão da Igreja no Brasil.

Os ministros da Palavra (sacerdotes, diáconos e catequistas) devem ter contato íntimo através de uma leitura assídua e estudo cuidadoso para que suas homilias, ao serem bem preparadas, cheguem ao coração do povo e provoque sede nele. É essencial a leitura frequente onde emana o diálogo fecundo com as Escrituras na oração pessoal. É muito oportuno a difusão da Palavra de Deus por meio de rádio, televisão, internet, cursos, escolhas, jornadas ou semanas bíblicas além de grupos de reflexão ou de leitura orante (CNBB, 2022, n. 80).

Mesmo com a diversidade de traduções e de acessibilidade das Escrituras Sagradas, ainda existe o "analfabetismo bíblico"[12], cujas pessoas, mesmo sabendo ler e até possuindo sua Bíblia, não a leem e não sabem manuseá-la, ao ponto de torná-la um objeto obsoleto, mesmo considerando-a sagrada, capaz de proteger seus lares comumente estando abertas no Salmo 90 (91). Há também muita gente que ainda não possui a Bíblia por não ter condições de adquiri-la. É preciso incentivar iniciativas que "favoreçam a alfabetização com o uso da Bíblia, o uso de Libras e do sistema Braile" para que ninguém seja excluído da Palavra de Deus (CNBB, 2022, n. 40).

Em muitas dioceses e paróquias ainda não há incentivo para promover cursos, círculos bíblicos e outras atividades que desenvolvam a Animação Bíblica da Pastoral. As festas de padroeiro, as devoções e as próprias reformas das igrejas ainda se sobressaem. Há um esfriamento em relação à Bíblia, chegando muitas vezes a dificultar a formação sólida dos agentes de pastorais.

Outro grande desafio é a "ausência do primeiro anúncio", pois muitas vezes as pessoas têm contato com a doutrina, mas não o "contato vivo com o Cristo-Palavra!". Ou ainda, vivem uma fé partindo exclusivamente de ritos e costumes vindos da

[12] Pe. Caetano já denunciava esse analfabetismo bíblico no Brasil há mais de 40 anos (Tillesse, 1984b, p. 5).

religiosidade popular, sem uma adesão substancial ao Cristo e à própria comunidade de fé. Isso dificulta a forma de ver Deus e ter um acesso vital com sua Palavra. É preciso aproveitar as diversas ocasiões e meios para o anúncio do querigma, como: homilias, missões populares, visitas aos lares, aos presídios e aos hospitais, celebrações de exéquias, matrimônios, escolas, meios de comunicação, inclusive com o uso de recursos digitais (CNBB, 2022, n. 48-50 e 58).

A Igreja também enfrenta grandes males provenientes da "instrumentalização e a manipulação da Palavra de Deus". Um deles, o "fundamentalismo bíblico", numa visão subjetivista e fechada, deturpa o texto sagrado, pinçando versículos, rejeitando estudos sérios e interpretações, métodos científicos e pesquisa crítica, desfavorecendo um fecundo diálogo e que "domina as consciências e infantiliza as pessoas" (CNBB, 2021, n. 60). Já a "teologia da prosperidade", procura justificar em passagens bíblicas, principalmente do Antigo Testamento, a prosperidade como sinônimo de bênçãos, "distanciando-se da ética e da teologia da Cruz assumidas por Jesus Cristo" (CNBB, 2021, n. 64).

Por fim, as "leituras pessoais, sociais e ecológicas da Bíblia" devem deixar o texto falar por si e não condicionar a Bíblia às suas ideias numa visão reducionista. É indispensável além da exegese, que procura extrair o sentido mais genuíno do texto, a hermenêutica bíblica, capaz de conciliar "Palavra de Deus e Eucaristia"; "estudo, oração e pregação"; "escuta, discernimento e vivência"; "mística; justiça social e ecologia integral" (CNBB, 2022, n. 77).

Para evitar qualquer tipo de manipulação com a Palavra de Deus, faz-se necessário um método de leitura e de estudo da Escritura para que deixe a comunicação divina livre dos interesses humanos. Daí a leitura contínua dos livros da Bíblia. Além de se familiarizar com os textos sagrados, compreende-se melhor "o contexto histórico, o ambiente literário e cultural dos diversos livros" o que faz a leitura orante mais fecunda. Também proporciona ao fiel a reconhecer "a unidade entre Antigo Testamento e Novo Testamento" (CNBB, 2022, n. 244-247).

Dentre vários métodos de leitura bíblica, destaca-se a leitura global do Gênesis ao Apocalipse proposto pelo Pe. Tillesse. Isso faria o leitor ver a importância do Antigo Testamento como chave de interpretação para o Novo Testamento, além de proporcionar uma visão de conjunto, respeitando o pensamento integral de Deus e provocando o desejo de querer aprofundar o que mais lhe interessasse (Tillesse, 1984a, p. 56 e 62). Posteriormente o método foi sistematizado numa leitura diária de 4 capítulos por dia para que o leitor concluísse a leitura global da Bíblia no período de um ano. As leituras seguintes poderiam ser acompanhadas anotando dúvidas, lendo os comentários, notas de rodapé das Bíblias, além do auxílio de comentários, dicionários e outras ferramentas que auxiliam na compreensão dos textos sagrados.

Para vencer esses desafios e surgir uma mudança de mentalidade, requer-se o envolvimento de todas as forças evangelizadoras da Igreja. Na liturgia, a Palavra é semeada de forma privilegiada, sobretudo com as leituras explicadas nas homilias e os salmos cantados na Eucaristia. Os demais sacramentos também são ocasião oportuna desta semeadura quando celebrados com a escuta prévia da Palavra, fortalecendo o sentido e a razão de exercê-los. A própria celebração da Palavra e a liturgia das Horas também colaboram no contato experiencial, oracional e comunitário com as Escrituras. Na ação missionária, o ardor apaixonado pela Boa-Nova do Senhor pode contagiar todos aqueles que a escutam (CNBB, 2022, n. 148, 153, 154 e 167).

A catequese e a Iniciação à Vida Cristã (IVC) também são um lugar privilegiado para fomentar a Animação Bíblica e formar uma "geração bíblica". Mais que conteúdos de fé e o ensino de orações, os catequizandos são chamados a experimentar o mistério salvífico do Cristo através da escuta da Palavra, seja na liturgia, seja na leitura orante comunitária

ou pessoal, vivenciando os ritos e as celebrações numa caminhada em etapas[13]. Todo esse movimento acaba atingindo também os pais, os padrinhos e os demais membros da família a também participarem ativamente nesse processo (CNBB, 2022, n. 168).

A piedade popular sempre marcou a vida de fé da Igreja, sobretudo no Brasil. Longe de erradicá-la, é preciso promovê-la e protegê-la. Ela jamais deve sobrepor ou concorrer com as celebrações. Por isso deve ser orientada a buscar fundamento e força na Palavra de Deus. Novenas de Padroeiros, reza do Terço, Romarias, Via-Sacras dentre outras devoções podem ser enriquecidas com conhecimentos bíblicos e com leitura espiritual das Escrituras, alicerçando ainda mais "essa fé simples e profunda" do povo de Deus (CNBB, 2022, n. 184).

Por mais que o Brasil esteja "envelhecendo", com o aumento da expectativa de vida e a redução da natalidade, ainda há muitos jovens. Mesmo que vivam conectados no mundo digital, ainda anseiam por experiências presenciais de contato com Deus e com o próximo. Cresce o número de jovens que buscam a adoração ao Santíssimo, orando com a Palavra. A Bíblia ainda desperta curiosidade e interpela-os a vivenciar o evangelho. A leitura orante seja nas redes sociais ou nas comunidades eclesiais são uma oportunidade de manter sempre viva a chama do amor à Palavra de Deus (CNBB, 2022, n. 192-193). Gincanas, peças ou musicais, acampamentos bíblicos e retiros de espiritualidade também são boas estratégias para despertar o amor pelas Escrituras nas juventudes.

Para que tenhamos clérigos e leigos comprometidos com a Animação Bíblica da Pastoral, faz-se necessário investir fortemente na formação. A Palavra de Deus deve assumir o lugar central nos seminários e na formação inicial das casas religiosas. Seminaristas, religiosos, religiosas e agentes de pastorais devem ser iniciados a ter um contato diário e fecundo com as Escrituras na leitura, no estudo e principalmente na oração. Essa ação deve ser permanente uma vez que o Cristo interpela diariamente a esse contato com ele por meio da Palavra.

Para isso, é essencial investir em centros de formação como: escolas bíblicas, institutos e faculdades que devem aprofundar os conhecimentos bíblicos propondo "caminhos de oração e comunhão com a Palavra". Como a Palavra de Deus é para todos, essas iniciativas não devem se restringir ao meio acadêmico, mas atingir também o meio popular (CNBB, 2022, n. 124 e 143). Essa necessidade já havia sido ventilada em 2012 quando se falava da importância da formação bíblica para assessores e multiplicadores da Animação Bíblica. Mais que um "estudo introdutório à interpretação bíblica para todos os cristãos", propunha-se "continuar e intensificar o estudo permanente, sistemático e profundo da exegese bíblica nos centros de formação teológico-pastoral", sobretudo com a criação de "cursos de pós-graduação ou de extensão universitária de animação bíblica da pastoral" (CNBB, 2012, n. 69, 73-74 e 83)[14].

Todas essas iniciativas convergiram em um plano de ação em vários níveis para dar continuidade ao processo de implantação da Animação Bíblica da Pastoral no Brasil. No âmbito nacional, foi proposto manter o mês e o dia da Bíblia não só como uma atividade exclusiva anual, mas sobretudo como um impulso, interligando-o com o Domingo da Palavra (3º domingo Tempo comum) instituído pelo Papa Francisco. Também é

13 Pe. Tillesse fala da realidade da antiga catequese que carecia do anúncio querigmático, pois priorizava-se durante muito tempo as "rezas", o modo de se confessar e de como viver sendo cristãos, correndo o risco de criar "robôs bem disciplinados, mas sem conteúdo cristão" (Tillesse, 1985, p. 71).

14 Já na década de 1980, através do Instituto Religioso Nova Jerusalém, com o suporte da Revista Bíblica Brasileira e de uma biblioteca especializada (hoje constando com cerca de 30 mil livros), Pe. Caetano almejava uma Escola Bíblica ou um Instituto Bíblico em nível universitário no Brasil, especificamente no meio de uma favela na cidade de Fortaleza-CE para a formação de professores especialistas em Bíblia (Tillesse, 1987, p. 4).

indispensável realizar encontros anuais com representantes dos Regionais da CNBB, além de dialogar com as instituições bíblicas do país para alinhar os caminhos e as estratégias para ABP.

Em nível diocesano, faz-se necessário a formação de uma comissão para a Animação Bíblica para dar continuidade aos encontros, escolas e cursos bíblicos, assim como a criação e manutenção de um centro de ABP para formação. Importante também é a criação de equipes itinerantes de missionários(as) da Palavra de Deus e a produção de roteiros que ajudem a acolhê-la. Reuniões de avaliação e planejamento estratégico das forças evangelizadoras para conhecer e amadurecer a ABP são essenciais (CNBB, 2022, n. 283-285).

Por fim, em nível local, há a necessidade de formar uma equipe para estimular a integração entre as Sagradas Escrituras, a vida das pessoas e da instituição no nível paroquial, através da colaboração dos movimentos, dos grupos, das pastorais e das congregações além das pequenas comunidades.

Portanto, se de um lado, os inúmeros problemas e desafios que ainda persistem nos faz perceber que a Animação Bíblica da Pastoral ainda é um sonho no Brasil, de outro, os esforços da comissão bíblico-catequética da CNBB e das várias instituições bíblicas espalhadas no país, trazem a esperança de que ela é uma realidade. É preciso continuar se empenhando para que cada vez mais o Brasil seja não só reconhecido como o país com um maior número de católicos do mundo, mas também como uma nação formada de uma "geração bíblica".

5 Considerações Finais

Toda a Igreja é chamada desde suas origens a formar uma "geração bíblica", capaz de buscar sua essência na Palavra de Deus, inerente à sua vida e missão. Com o passar dos séculos, essa geração foi se reduzindo a um pequeno grupo, formado por clérigos e religiosos.

Na "revolução copernicana bíblica" acontecida no séc. XX e, posteriormente, na efervescência do Concílio Vaticano II (1962-1965), surgem mudanças significativas no panorama bíblico, ao ponto de ressurgir pouco a pouco essa geração bíblica adormecida. O desejo do Padre belga "Caetano" Minette de Tillesse, que cunhou essa expressão, também foi compartilhado por inúmeras personalidades e instituições ao longo da caminhada bíblica do Brasil desde o período colonial.

A "geração bíblica" no Brasil já era iniciada com os primeiros missionários jesuítas que já centralizaram sua evangelização em torno da Bíblia através da música, da arte, da escultura e do teatro. Catequese, piedade popular e Escrituras Sagradas andavam juntas. O solo brasileiro já estava preparado para impulsionar o Movimento Bíblico inaugurado no início do séc. XX. No período pós-conciliar, ele se transformou na "Pastoral Bíblica" que, posteriormente, desenvolveu-se na "Animação Bíblica da Pastoral".

Aos longos dos séculos, essa "geração bíblica" foi se formando. Hoje é entendida como a concretização e a vivência da Animação Bíblica da Pastoral por uma geração de pessoas comprometidas com o estudo, a leitura, a oração, a missão e a vivência com a Palavra de Deus, tornando-a a essência de sua vida e missão.

Na trajetória bíblica brasileira, inúmeros desafios ainda persistem. A centralidade da Palavra de Deus nem sempre é evidenciada. A carência da evangelização do primeiro anúncio, o fundamentalismo, o desconhecimento da Bíblia e a falta de incentivo em muitas realidades, revelam que, de um lado, a "geração bíblica" ainda é uma utopia.

Entretanto, todo legado brasileiro que se juntou aos esforços da comissão bíblico-catequética da CNBB e das várias entidades bíblicas do país ao longo de décadas, trazem

a esperança de que a "geração bíblica" pode ser uma realidade. O Brasil marcado pela grande religiosidade e pela fé, também pode assumir a identidade de ser o "povo da Bíblia".

Referências

ALBUQUERQUE, Rita Paixão. Pe. Caetano – vida e missão à luz do Vaticano II. *In:* GONÇALVES, Luciene Lima; GOMES, Rita Maria. *Centenário de Pe. Caetano Minette de Tillesse*: fragmentos de uma vida inspiradora. Belo Horizonte: Fique firme, 2025. p. 42-66.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. A Escritura como bússola para o mundo hodierno. *In:* GONÇALVES, Luciene Lima; GOMES, Rita Maria. *Centenário de Pe. Caetano Minette de Tillesse*: fragmentos de uma vida inspiradora. Belo Horizonte: Fique firme, 2025. p. 164-189.

ANTIGA Constituição do Instituto Religioso Nova Jerusalém – "proto-edição-extendida". Fortaleza: [*S. n.*], 2013. Arquivos do Instituto Religioso Nova Jerusalém.

BATISTA, Edinaldo Medina; SILVANO, Zuleica Aparecida. Movimentos bíblicos no Brasil (1940-1960). *In:* BATISTA, Edinaldo Medina; SILVANO, Zuleica Aparecida (org.). *50 anos:* 1971-2021, Mês da Bíblia: memórias, desafios e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2021a. p. 31-56.

BATISTA, Edinaldo Medina; SILVANO, Zuleica Aparecida. De movimento á Pastoral Bíblica após o Concílio Vaticano II (1965-1970). *In:* BATISTA, Edinaldo Medina; SILVANO, Zuleica Aparecida (org.). *50 anos:* 1971-2021, Mês da Bíblia: memórias, desafios e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2021b, p. 57-68.

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CNBB. *"E a Palavra habitou entre nós" (Jo 1,14):* Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: Ed. CNBB, 2022. (Documentos da CNBB, 111).

CNBB. *"E a Palavra habitou entre nós" (Jo 1,14):* Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: Ed. CNBB, 2021. (Estudos da CNBB, 114).

CNBB. *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja*. Brasília: Ed. CNBB, 2012. (Documentos da CNBB, 97).

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a revelação divina. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONSTITUIÇÃO do Instituto Religioso Nova Jerusalém. 2. ed. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2002.

CONSTITUIÇÃO do Instituto Religioso Nova Jerusalém. 3. ed. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2015.

DATTLER, Frederico. Atividades bíblicas. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, p. 12-15, 1987.

ENTREVISTA com Padre Caetano Minette de Tillesse: Uma geração que ame a Bíblia. *Comunidade Católica Shalom,* Fortaleza, 2007. Disponível em: https://comshalom.org/uma-geracao-que-ame-a-biblia/. Acesso em: 15 dez. 2025.

FURTADO, Marco Antônio Tourinho; SANTOS, Dorotéia. Geração bíblica nos quarenta anos da Nova Jerusalém. *In:* GONÇALVES, Luciene Lima; SILVA, Jackson Câmara (org.). *De Jerusalém sairá a Palavra do Senhor*. Belo Horizonte: Lutador, 2023. p. 21-33.

LIMA, Narcélio Ferreira de. *Um Monge Missionário:* Vida e Obra de Pe. Caetano Minette de Tillesse. Rio Bonito: ECU, 2016.

RETAMARES, Santiago Silva. *A Animação Bíblica da Pastoral:* sua identidade e missão. São Paulo: Paulus, 2011.

SALVADOR, J. A Liga dos Estudos Bíblicos – LEB: Histórico da Fundação e algumas das suas iniciativas. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, 1987, p. 44-51.

TERRA, João Evangelista Martins. A leitura da Bíblia no Brasil. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, 1987a, p. 112-125.

TERRA, João Evangelista Martins. Bíblia e arte no Brasil. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, 1987b, p. 134-145.

TERRA, João Evangelista Martins. O uso do teatro na catequese bíblica do Brasil. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, 1987c, p. 126-133.

TERRA, João Evangelista Martins. Releituras da Bíblia hoje. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, 1987d, p. 3-11.

TERRA, João Evangelista Martins. Traduções da Bíblia em português. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, n. 43/44, 1987e, p. 80-100.

TILLESSE, C.M. de. Campanha das assinaturas. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 4, n. 1, 1987, p. 3-5.

TILLESSE, Caetano Minette de. Como ler a Bíblia? *Revista Bíblica Brasileira,* Fortaleza, v. 1, n. 2, 1984a, p. 56-65.

TILLESSE, Caetano Minette de. Editorial. *Revista Bíblica Brasileira,* Fortaleza, v. 1, n. 1, 1984b, p. 5-6.

TILLESSE, Caetano Minette de. Querigma. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 2, n. 3, 1985, p. 70-101.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica